



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GISELE RODRIGUES LIMA

TRABALHO E CONSUMO: SOCIEDADE DE CONSUMO E SEUS EFEITOS NA
SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

GISELE RODRIGUES LIMA

TRABALHO E CONSUMO: SOCIEDADE DE CONSUMO E SEUS EFEITOS NA
SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito total para à obtenção do título de graduada no curso de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

Orientadora: Bruna Gomes Dantas.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

TRABALHO E CONSUMO: Sociedade de consumo e seus efeitos na subjetividade do trabalhador.

Gisele Rodrigues Lima¹
Bruna Gomes Dantas²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve revisão de literatura sobre o trabalho na cultura contemporânea, trazendo uma reflexão da passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo e como o trabalhador atribui significados a seu trabalho desde uma nova configuração denominada por Bauman (2008) como “modernidade líquida”. Buscou-se explorar como a sociedade moderna vive uma constante busca por melhores condições de vida, a partir do ímpeto de novas experiências pautadas em uma nova ordem econômica de consumo, fazendo refletir acerca da produção de novas identidades sociais. Neste sentido, o artigo procurou identificar através de uma pesquisa bibliográfica exploratória aspectos teóricos existentes nas literaturas sobre a sociedade do consumo e os impactos que ela causa na subjetividade de quem trabalha para consumir. Constatou-se como a necessidade de trabalhar está ligada a perspectiva de consumir, e como o sujeito sofre influências subjetivas que estão inteiramente ligadas em todas as categorias apresentadas.

Palavras Chave: Trabalho, Sociedade de consumo, Cultura contemporânea, Subjetividade, modernidade líquida.

ABSTRACT

The present article aims to present a brief literature review on work in a contemporary context, bringing a reflection about the transition from production society to consumption society and how the worker attributes meanings to his work from a new configuration called by Bauman (2008) as "liquid modernity". It was sought to explore how modern society is constantly seeking a better life, starting from the impetus of new experiences based on a new economic order of consumption, reflecting on production of new social identities. Therefore, the article sought to identify, through an exploratory bibliographical research, theoretical aspects of literature on the consumption society and the impacts it causes on the subjectivity of those who work to consume. It was observed how the need to work is linked to the perspective of consuming, and how the subject undergoes subjective influences that are entirely linked in all categories presented.

Keywords: Job, Consumer Society, Contemporary Culture, Subjectivity, Net Modernity.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que os primeiros registros de trabalho vêm desde as civilizações antigas e até mesmo desde os primórdios da humanidade, com as comunidades de caçadores, pescadores e coletores na pré-história, cultura agrária, o trabalho escravo que também ficou marcado nas

civilizações antigas, demandando um longo espaço de tempo histórico para a construção de cada período onde já se viviam divergências sobre o mundo do trabalho. De tal forma, todas essas categorias já traziam variados significados a essa atividade, assim, o progresso econômico capitalista de produtividade ao consumo afetou diretamente no mundo do trabalho, visto que, já demandava força, acarretava sofrimento, aflição, angustia e dor. Trazendo assim, o conceito de trabalho para um lugar de privilégio, sendo um assunto de grande relevância e que ganhou espaço nas reflexões teóricas até os dias de hoje, se tornando uma presença instigante na contemporaneidade. De modo que, trabalho e sujeito estão entrelaçados e suas experiências merecem ser aprofundadas enquanto representação de uma cultura forte, que determina uma sociedade.

Concebendo tais ideias, se faz necessário conhecer o trajeto sócio histórico entre o homem, trabalho e o objeto de consumo, afim de compreender também a construção da subjetividade. É necessário que se compreenda a passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo, uma vez que todo esse percurso e suas referências persuadem a subjetividade, assim como as relações humanas e os laços sociais. Bauman (2008), ao se referir a sociedade de consumo, quer chamar atenção para a sociedade atual, moderna, enfatizando que na sociedade de produção suplantada já se consumia, porém, o mais relevante era produzir. Mais tarde, a regra passa a ser outra, o sujeito adentra em um empenho de lugar de consumidor onde a maior relevância não é mais produzir, e sim consumir.

Com isso, se faz pertinente a discussão acerca dessa temática para refletir sobre as mudanças que ocorreram e ocorrem de forma expressiva em vários âmbitos da vida, surgidas a partir da industrialização. O que por sua vez fez surgir novas práticas sociais, e como foi supracitado, novas formas de se relacionar e construir subjetividade, desde a interação com a história e cultura, fazendo com que o trabalho, a construção da família, a educação, e as formas de socializar, vivenciem de maneira natural modificações nas vivências e novas construções em vários aspectos da vida.

Diante das questões expostas, o presente artigo consiste em trazer um exercício teórico com objetivo de explorar os conceitos que existem na literatura sobre a sociedade de consumo, trabalho e subjetividade com foco na contemporaneidade. Além do que foi considerado inicialmente, a pesquisa aborda e relaciona o mundo do trabalho, a sociedade do consumo como também as correlações entre ambas com o impacto na subjetividade, as quais nesse percurso estão inteiramente relacionadas. Uma esfera da vida moderna do indivíduo e o seu estar no mundo. Desse modo, é pertinente concordar com a concepção de

Dejours (1991), sobre dizer que o trabalho faz parte da constituição do sujeito, sendo ele quem identifica e define o ser humano. Que visa o trabalho como um mediador insubstituível da realização do desejo pessoal no âmbito social, sendo por meio dele, possível compartilhar e receber novos conhecimentos que ajudam o sujeito a estruturar e constituir a sua personalidade.

Dessa maneira, a elaboração desta pesquisa objetivou chamar a atenção para o resultado de inúmeras mudanças no cenário da sociedade atual, que tem afetado a construção do sujeito contemporâneo, a partir de novas dimensões do comportamento do trabalhador devido a emergência da sociedade do consumo. Abordando também as modificações na experiência do modo em que se constitui subjetividade nos indivíduos. Contemplando a ideia de que as relações passaram a ser estabelecidas e marcadas por outro conceito que passou a ter valor e sentido nessa nova sociedade.

Levando em consideração a relevância social do estudo em que a universidade possibilita a pesquisadora de aperfeiçoar a sua formação, de forma a fomentar a curiosidade acerca do assunto de forma teórica e embasada na realidade crítica em que se compreende os novos tempos e as implicações do trabalho e consumo, assim como as novas formas de se relacionar e de construir relações. A questão central que aqui se coloca é que seja viável também pensar que o problema abordado é atual e de todo o sistema econômico, e pretendendo também contribuir para uma futura compilação conceitual desse campo que ainda é pouco abordado pela psicologia do trabalho. De tal modo que possa buscar uma estrutura e sustentação teórica para se pensar formas de amenizar o mal-estar que trouxe a sociedade de consumo ao mundo do trabalhador.

2. METODOLOGIA

A pesquisa apresentada neste artigo caracteriza-se como uma investigação bibliográfica, proveniente de uma revisão de literatura que cruzou os temas trabalho e consumo. O método utilizado possui caráter qualitativo e exploratório uma vez que, segundo Oliveira (2008), preocupa-se em pesquisar sobre a experiência vivida pelo ser humano, tendo a interpretação como foco. Enquanto para Gil (2008), as pesquisas do tipo exploratórias, visam esclarecer ideias e conceitos permitindo a elaboração de hipóteses.

A mesma foi analisada em artigos disponibilizados na literatura escritos ou traduzidos para a língua portuguesa encontrados nos bancos de dados Biblioteca

Virtual em Saúde (BVS) Regional, Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), Google Acadêmico e Livros. Atento ao conteúdo das produções encontradas nas áreas do trabalho e consumo.

Este tipo de metodologia é definido por Koller, Couto e Hohendorff (2014) como a avaliação crítica, pelo pesquisador, de materiais publicados sobre um determinado tema com o fim de situar o leitor acerca das produções já existentes e apontar as lacunas, contradições e dissonâncias encontradas. A escolha desta metodologia se justifica pela constatação de que apesar de existirem produções sobre os dois temas, poucos estudos apontam para a relação direta que há entre eles, relação esta que é difundida principalmente nos discursos sociais.

A literatura escolhida para compor este estudo versa sobre a sociedade de consumo, e seus possíveis impactos na subjetividade do trabalhador, revelando aspectos sobre a construção de identidades a partir das novas ordens de consumo que integram a interação do sujeito com o mundo, bem como as suas relações sociais. O papel da literatura voltada a esta área de estudo, dados sobre a sociedade moderna que faz uso do consumismo supérfluo e ainda possíveis apontamentos de resolução.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 TRABALHO

É certo que se pode falar de trabalho desde os primórdios da humanidade. Sendo ele quem mobilizou todas as sociedades e civilizações, e com a evolução das sociedades o trabalho ao longo do caminho foi se reformulando de acordo com as necessidades de cada época em sua cultura, passando a ser compreendido de forma diferente segundo Zanelli et al, (2014). A história do trabalho humano originou-se quando o indivíduo procurou atender as suas necessidades básicas biológicas para sobrevivência, levando em consideração que na economia de subsistência o trabalhador produzia de acordo com o seu tempo, em seu ritmo e decidindo como, o que, e quando produzir, de forma que não existia desagregação entre a família e o trabalho, escolhendo a duração e força do trabalho conforme a precisão de produzir. (ZILIOTTO, 2005).

A autora traz que no começo dos tempos o trabalho era uma constante luta em busca da sobrevivência. Necessidades e dificuldades como comer e se abrigar eram o que ocasionava a necessidade de trabalhar. Houve uma evolução no trabalho devido a mudança da cultura da pesca e da caça para a agricultura. Os instrumentos e ferramentas, desta última,

como o arado, trouxeram a representação de uma das primeiras mudanças no mundo do trabalho. Conseqüente a isto, surge a cultura agrária, acrescentando ao mundo do trabalho, o cultivo de plantio e de animais (ZILIOTTO, 2005).

Zanelli et al, (2014) afirma que na antiguidade o trabalho não merecia esforços de pessoas cultas, autoridades. O autor aborda que na concepção dos filósofos Platão e Aristóteles, o trabalho merecia atenção e competia aos escravos, no qual esse pensamento clássico exaltava o ócio, e a ideia de que o sujeito deveria ser guardado do trabalho, pois este, se referia a uma tarefa indigna e representava empecilho para que as pessoas alcançassem virtude. Todo indivíduo, deveria firmar-se em atividades de exploração política, mecânica e advinda do comércio. Nesse contexto, o trabalho pela filosofia clássica era caracterizado como desgastante e degradante e por isso cabia aos escravos, em uma ideologia conceitual de trabalho onde atividades braçais ou manuais eram exercidas pelos escravos enquanto a atividade superior que era a política pertencia aos cidadãos e não era tida como trabalho.

Neste sentido, Barlach et al (2003) profere que desde muito tempo a categoria do trabalho carrega diversos significados, visto que, força, aflição, sofrimento, preocupação, já faziam parte da vida do trabalhador, e que trouxe para a sociedade contemporânea uma presença estimulante, de modo que, o trabalho já demandava antigamente de tempo na vida das pessoas, assim como, as pessoas se ocupavam dele e passavam a conviver em uma sociedade expressa de uma cultura determinada por ele. Podendo-se ressaltar que antigamente o sujeito já vivia em busca da sua identidade com o trabalho, antes visto como subsistência. Marcando a mais de nove mil anos o movimento de plantadores e caçadores nômades que se estendeu até a evolução da agricultura. Posteriormente, ao final do século XVI há a passagem para industrialização prosseguindo para um desenvolvimento de organizações de capital e mão de obra a fim de gerar grandes empreendimentos, marcando e mudando assim, com a transição dessas culturas, a existência humana até os dias de hoje. Bauman (2008) denomina essa passagem como a transição de uma modernidade sólida para uma modernidade líquida, onde na modernidade sólida as estruturas sociais eram menos inabaláveis. A família, o emprego, o estado, tinham mais estabilidade ainda pelo aceitável grau de autoritarismo. Na modernidade sólida o mundo tinha mais certezas. Com a chegada da modernidade líquida os sinais se tornam confusos e com o avanço tecnológico advindo da industrialização o tempo passa a se sobrepor ao espaço, quando as pessoas podem se movimentar sem sair do lugar. O tempo líquido, o qual será melhor especificado adiante, permite o temporário e instantâneo.

Com base no que foi exposto, Santos (2004) destaca que posteriormente, a revolução industrial viria a atingir o mundo do trabalho, considerando as fases do artesanato, manufatura

e a própria industrial onde o artesanato atendia as necessidades dos povos em números menores que viviam em pequenos povoados. Depois a manufatura que foi uma fase mais complexa atuando em fábricas de pequeno porte, e logo após aparece a fase industrial em um conceito contemporâneo que se valia do uso das máquinas e ferramentas que aos poucos substituíram o trabalho humano. Esse histórico dos trabalhos na antiguidade possibilita dizer que todas as mudanças averiguadas preparam a passagem para o industrialismo moderno aumentando e alterando cada vez mais a produtividade nos setores que passaram a ser chamados de revolução agrária, comercial e intelectual.

Com a chegada da industrialização houveram mudanças expressivas nas esferas sociais, promovendo grandes configurações na vida e no trabalho transformando os meios de produção. A ascensão da industrialização trouxe a substituição das manufaturas e produção de artesanatos aumentando a produção de mercadorias e conseqüentemente de um mercado para consumir. Futuramente com a segunda fase da revolução industrial no século XIX surgiram as indústrias tecnológicas que cada vez mais aproximava mesmo que a longas distâncias as diversas partes do mundo. (FONTENELLE, 2005).

Discutir sobre o trabalho traz uma reflexão espontânea sobre a sociedade atual, visto que, grandes transformações no mundo do trabalho não cessaram na revolução industrial e o caráter das atividades nesse âmbito continua se modificando, motivadas por um fenômeno de grande relevância na história da humanidade, a globalização, que possibilitou a modificação das relações sociais mais íntimas de casa ao trabalho. A contemporaneidade compreende transformações expressivas, pelas quais tem passado as sociedades capitalistas, como a concepção de trabalho que vem mudando ao longo dos anos, passando por mutações ao longo de sua trajetória até aderir o caráter de sustento material tomando forma de emprego. Tal amplitude se expande e pode-se observar diversas formas de relações de trabalho efetivas. Situações laborais se associam veementemente a configurações modernas da classe trabalhadora já caracterizada (COUTINHO, 2009).

Na centralidade da categoria trabalho apresenta-se alguns discursos entendidos como o nível de importância que o trabalho traz em vários momentos da vida, contribuindo para o entendimento de algumas mudanças que são processadas nesse âmbito. Na sociedade atual o trabalho e consumo não se encontram tanto o quanto antes articulados em uma lógica de necessidade do ser humano. A mídia, que traz informações em excesso, por sua vez influencia ao processo de consumismo desnecessário. Enquanto antigamente se lutava pela sobrevivência, onde o trabalho adquiriu um significado instantâneo, restringindo o consumo para suprir as reais necessidades do indivíduo (ZILLOTTO, 2005).

Tolfo e Piccinini (2007) em algumas perspectivas teóricas trazem a compreensão do que se constitui trabalho na vida de uma pessoa, trazendo a fundamental importância do assunto para estudos e pesquisas nos dias de hoje. Para os autores, se pensar na visão de Marx, o trabalho já era compreendido como uma possibilidade de modificar a natureza a fim de suprir as necessidades do ser humano, a chamada centralidade do trabalho que é compreendida por uma construção complexa valorativa da importância do trabalho na vida de uma pessoa. Com isso, identifica-se que o trabalho é central para a autoimagem, assim como, também é relativo, à medida que é influenciado pelos ciclos de vida do sujeito e que pesa o vínculo do trabalho com outras ocasiões importantes de sua vida.

Conforme definiu Ziliotto (2005) as mutações observadas existentes que alteram o “fazer” e o “existir” do sujeito no que diz respeito ao seu trabalho geram resultados relevantes implicando diretamente na transformação e condição da subjetividade do indivíduo, em uma dinâmica de tempo, espaço e ser social, concebendo movimentos constantes de produtividade refletidos na dinâmica do trabalho e consumo como será abordado posteriormente.

Corroborando com Tolfo e Piccinini (2007), Tolfo et al (2005) entende que o trabalho faz uma ligação que transforma o homem e a natureza gerando múltiplos significados. Segundo os autores o ato de dar significado a natureza é corporizado por meio do trabalho, podendo ser comparada a mesma relação de sujeito e objeto que é dimensionada pelo significado, transcendendo a relação e tornando esse percurso sujeito e trabalho cada vez mais complexo e trazendo enquanto significado maior, o prazer no trabalho. Em compensação, os autores trazem que a ruptura no percurso de significados se tratando do trabalhador, acarreta sofrimento, podendo afetar a sua saúde mental.

(...) os significados como construções elaboradas coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto. Já os sentidos são uma produção pessoal decorrente da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências cotidianas. É importante ressaltar as transformações porque passam os sentidos e os significados, uma vez que são construídos em uma relação dialética com a realidade (TOLFO et al, 2005, p 10).

Para tanto, os autores ainda ressaltam que no percurso da história o trabalho pode trazer concepções positivas quando visto por um viés que representa auto realização, satisfação, caminho, vocação, valor e missão. Mas também negativas, quando o trabalho passa a ser representado pelo sujeito como castigo, estigma, coerção, penalidade e esforço. Tais conotações aparecem na sociedade industrial onde o sentido positivo do trabalho é fruto de uma ideologia que domina a vida moderna, trazendo com que haja uma certa indivisibilidade

entre o sujeito e a realidade, visto que, os significados e sentidos que os indivíduos produzem são possíveis a partir de suas experiências concretas.

Ainda acerca do seu posicionamento sobre a discussão, Coutinho (2009), diz que a relação de trabalho na contemporaneidade tem passado por diversas transformações e sendo implicadas por diversos estudiosos em pesquisas internacionais e nacionais, especialmente os que são inseridos nas abordagens cognitivo comportamental, devido as mutações de sentido e significados que são conferidos ao trabalho e que levam os indivíduos a mudarem seu comportamento diante de tais sentimentos e emoções. Investigam através de pesquisas empíricas a importância que se dá ao trabalho em determinados momentos da vida do sujeito, condutas sociais sobre a categoria trabalho relacionadas a valores morais, e os resultados advindos do trabalho, que dizem respeito a motivação no trabalho, o que de fato leva o sujeito a procurar um trabalho e trabalhar. No interior desse contexto Barbosa e Campebell (2006) falam que houve um deslocamento, se referindo as identidades que passaram a ser construídas e reconstruídas em um âmbito localizado fora do espaço laboral, em um espaço bem maior, imensurável, entrelaçados à dinâmica do consumo.

Para Coutinho (2009), o meio de trabalho traz ao processo de produção um valor de uso, isto é, nas sociedades capitalistas produtos são criados para satisfazer as necessidades das pessoas. Esse movimento tem a finalidade de produzir não só recursos para uso, mas sobretudo de troca, ou seja, mercadorias com perspectivas a relevância do capital. Segundo Marx (1983) *apud* Coutinho (2009), o trabalho na sociedade capitalista como meio de produção passa a alienar uma vez que o produto e o próprio percurso de produção transformam-se em desconhecidos para o trabalhador.

3.2 SOCIEDADE DO CONSUMO

Houve um grande progresso e inúmeras mudanças da sociedade de produção para sociedade do consumo. Ainda na revolução industrial e início do capitalismo industrial, baseado em estudos científicos e em uma ideia que visava atender necessidades de uma sociedade moderna, o consumo foi tomando uma proporção enorme no intuito de ser usufruído do que era produzido a fim de melhorar a qualidade de vida. Essas mudanças aconteciam em um ritmo bem acelerado com a produção industrial através das máquinas, permitindo de certa forma uma transformação radical das sociedades. Nas cidades, nesse tempo já se gestava uma sociedade de consumo, mesmo que ainda não como nos dias atuais (FONTENELLE, 2005).

Segundo Barbosa e Campbell (2006) partindo do pressuposto empírico, toda a sociedade contemporânea faz uso do universo material seguindo uma lógica de reprodução física e social. De forma que todo objeto, bem ou serviço que sacie qualquer necessidade do indivíduo entre outras físicas ou biológicas, são consumidas e utilizadas numa lógica de esgotamento para mediar as relações sociais, conferindo status e construindo identidades, de modo que, determina limites entre grupos e pessoas. Os bens e particularidades a quem os indivíduos recorrem para lhe representar físico e socialmente, os auxiliam também a uma descoberta ou na própria constituição da identidade e subjetividade. Algo interessante de ressaltar conforme Oliveira e Cândido (2010), é que a sociedade moderna emprega a maior parte do seu tempo em atividades cujo objetivo é produzir e consumir cada vez mais, o que tem dado muito sentido a transformação da sociedade de consumo.

Lipovetsky (2009) fala da “civilização do desejo” que se formou a partir do capitalismo de consumo e que ocupa um lugar nas economias de produção a qual se sustenta a lógica de uma melhor condição de vida baseada em constructos de uma nova religião. Fala de uma oportunidade que a sociedade tem de expressar seus desejos e experimentar as suas mais diversas formas de materialidade e a partir dessa experiência ser possível organizar, memorizar e classificar as reações diante essas vivências ampliando o seu autoconhecimento. Ressalta o importante papel que tem a publicidade para a sociedade consumista, aculturando as pessoas em massa e definindo um novo modo de viver a partir da aquisição de produtos, influência que vem aumentando cada vez mais com o passar do tempo.

Para Bauman (2007) a cultura da sociedade de consumo vive essa influência constante para que o indivíduo se apresente sempre como destaque. A sociedade de consumo centraliza sempre no menosprezo imediato aquilo que foi ofertado antigamente, a fim de deixar livre o espaço público para que novas ofertas venham ocupar esse lugar. Dessa forma, o mercado do consumo atua nesse contexto, como fundamental impulsionador e disparador dos modelos e graus do consumo desmedido na sociedade contemporânea. O autor enfatiza que os impulsos das modificações societárias decorrem da globalização e desenvolvimento tecnológico, que faz com que o sujeito viva em uma sociedade de rede, uma sociedade que se comunica de forma generalizada. Assim, interferem diretamente no modo como as pessoas vivem no mundo e produzem subjetividade. Complementando tal reflexão, Bauman (2008) afirma que na modernidade os vínculos de uma sociedade se dão agora em rede, e não mais em comunidade como na sociedade sólida que foi suplantada. Dessa forma, as relações podem ser chamadas de conexões podendo ser feitas, desfeitas e refeitas a qualquer dado momento, os

sujeitos agora se conectam e desconectam conforme a sua vontade, e esse é o crucial motivo pelo qual há uma grande resistência em manter relações afetivas a longo prazo.

Bauman (2007) – que foi uma das vozes mais críticas da sociedade contemporânea – diz que na sociedade moderna “modernidade líquida” emerge o individualismo, a fluidez e a enfermidade das relações, que a contemporaneidade vive em tempos líquidos e que nada foi feito para durar, que na sociedade moderna existe um domínio pelo efêmero e descartável, não apenas no contexto material, mas também se referindo a “valores” às próprias relações estáveis, estilos de vida, apego as coisas, e aos sujeitos com seu modo de ser e fazer. Esse pensamento traz a percepção sobre o próprio tempo na sociedade de consumidores, onde o prazer se tornou instantâneo e deve cessar no instante em que o momento necessário para se consumir algo, acabar. Usando o conceito de “modernidade líquida” para definir o tempo presente, escolheu a metáfora do “líquido” como principal aspecto dessas mudanças; um líquido sofre constante mudança e não conserva sua forma por muito tempo. Assim, as formas da vida contemporânea, segundo o sociólogo, se assemelham pela vulnerabilidade e fluidez, incapazes de manter a mesma identidade por muito tempo, o que reforça um estado temporário e frágil das relações sociais e dos laços humanos.

Dessa forma, Oliveira e Cândido (2010) implicam que o cenário mundial globalizado se amplia ao sistema econômico em um alto nível global que em nenhuma outra sociedade humana foi vivenciada. Em um lugar onde o padrão do ser humano está diretamente ligado à sua capacidade de consumir e acumular bens materiais, tornando-o exatamente naquilo que consome e passando a ser o consumo a sua forma de representação e identidade social, de modo a passar a ser reconhecido como *Homo Consumus*. Sendo considerada dessa forma, esta, a sociedade do consumo, a mesma que tem desintegrado cada vez mais as relações humanas.

Lipovetsky (2009, p.13) afirma que essa é a realidade da sociedade contemporânea, onde a moda e o consumo estão no comando, onde o que seduz e o efêmero converteram, em um longo espaço de tempo, o construto da vida das pessoas modernas podendo-se compreender que “[...] a moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; é sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente o seu curso histórico, chegou ao topo de seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira à sua imagem [...]”.

Compartilhando a opinião expressa por Ziliotto (2007) acerca do assunto, o trabalhador está sujeito a essa lógica, quando uma vez emergido na sociedade de consumo atribui outros significados ao trabalho agora para além da subsistência, numa compreensão a sua constituição de identidade social, o que o faz desviar o sentido da sua relação produtiva do

“fazer” para uma outra lógica do “parecer ser”, fazendo meditar sobre as mutações do significado do trabalho na contemporaneidade a partir da sociedade de consumo e da dominância de uma categoria de laços humanos que se estende também para o espaço laboral.

É nitidamente perceptível que na sociedade contemporânea é mais importante ter do que ser. Bens materiais, tecnologia e grandes perfis nas redes sociais definem o consumidor contemporâneo. Essa é a sociedade de consumidores e a expressão “sociedade do consumo” para Lipovetsky (2009) desde muitos anos atrás. Entendida como sociedade do consumo os tempos modernos que gira ao redor do capitalismo fazendo crescer e gerar lucro a economia. Fato que aparece como principal na ascensão comercial e conseqüentemente no consumo. Dessa forma, o que se entende é que na sociedade do consumo a tendência é completamente consumista ignorando todas as outras opções por trazer uma sensação imediata de “felicidade”.

Bauman (2007) em “Vida para Consumo”, confirma tal pensamento, proferindo que o consumo não é sinônimo de felicidade nem um exercício que traga plena satisfação, porém esse exercício de consumir é o valor mais importante encontrado na vida dos consumidores ávidos. À vista disso, o mercado tem emposto que as pessoas passem constantemente por mudanças para atenderem as necessidades do mercado, não se restringindo a questões profissionais, mas a diversas vertentes do mundo moderno. E discorre ainda sobre a transformação das pessoas em mercadoria:

Na sociedade de consumidores ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar, e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias; (BAUMAN, 2007, p.20).

Como afirmado acima, a edificação da subjetividade do sujeito moderno se dá através da sua integração com a cultura e sua história, de modo que a sua dimensão social está reafirmada em uma dinâmica contínua e desordenada que acarreta uma dependência que constitui a sua existência. A medida em que o sujeito toma como referência e se constitui daquilo que é disposto pelo social, acaba por vez a descentralizar-se do seu querer desviando os seus investimentos para outras direções. Fazendo uma reflexão da proporção social do psiquismo humano, uma vez que não se tem consciência do quanto está atravessada

no sujeito as questões culturais constantemente presentes na sua vida, o que acaba gerando sofrimento. Porém, nada mais é do que um processo inerente a condição humana e compreender esse processo se faz necessário para posteriormente compreender as implicações do trabalho e consumo, objetivo deste trabalho (ZILIOOTTO, 2005).

Ainda de acordo com Ziliotto (2005) o sujeito moderno ao aderir a um repertório cultural pode acabar por restringir a sua subjetividade negando distinções necessárias em algumas medidas ao convívio social. Podendo, então, estruturar as relações humanas de forma que o indivíduo se vale para integrar o social onde as pessoas pactuam de silenciosas intimidades para discutirem as adversidades da existência e relação social. Esse dinamismo entre cultura e subjetividade faz referência a sociedade denominada por sociedade de consumo.

Bauman (2008) faz a relação de modernidade líquida na sociedade do consumo para mostrar as mudanças que sofreu a sociedade de produção para a sociedade do consumo do século XX, onde o ato de consumir ganhou um novo sentido na vida das pessoas lhes trazendo uma nova identidade e um peso imensurável na construção da personalidade do sujeito contemporâneo. Onde na modernidade líquida os vínculos humanos podem ser rompidos a qualquer momento, fato este, que ainda imperceptivelmente está propenso a uma disposição ao isolamento social, e onde uma grande parte da sociedade escolhe vivenciar uma rotina solitária, fazendo refletir também sobre o enfraquecimento a solidariedade, estimulando a insensibilidade ao que se refere ao sofrimento do outro.

Isso reflete a uma mudança fundamental na forma como as pessoas são estimuladas a pensar sobre seus relacionamentos pessoais e organizar suas vidas agora em com a intimidade apresentada em público e sujeita a normas contratuais que se poderia associar a compra de um carro, uma casa ou uma viagem de férias (BAUMAN,2007, p.24).

Ainda conforme as ideias do autor, e se tratando de uma mudança que provocou imensa diferença em todos os aspectos da vida social, cultural e individual, a nova modernidade passou a estabelecer novas formas de se relacionar com as pessoas e com o mundo de uma forma que decisivamente transformou o contexto social, tendo o conforto e conseguinte o consumo como algo prioritário, um dos fatores que mais contribui no processo de modernização, de forma a atingir completamente atitudes, hábitos e relações. O que de certa forma deixa o sujeito encarregado de empregar os seus esforços e energias nos atos de cada vez mais produzir e consumir. O consumo que imperceptível para ele já ocupa um lugar central e articulador de sua vida social (BAUMAN, 2007).

A evolução dos tempos levou o indivíduo a diversas possibilidades de reflexão sobre consumismo na contemporaneidade. Em tempos voltados para o consumo em massa e onde emerge o enfraquecimento da sociedade, levando a um novo modo de sociabilização e individualização, que acarretam em uma ruptura dos laços afetivos devido a uma sociedade baseada na informação e no estímulo das necessidades, denominado como mundo líquido moderno dos consumidores (BAUMAN 2007).

3.3 TRABALHO E CONSUMO

Partindo de uma premissa e contextualização histórica Ziliotto (2009) explicita que já a partir do século XX houve uma grande evolução referente ao trabalho migrando de uma esfera privada para a pública. A mudança das casas para empresas, da zona rural que se esvaziava gradativamente, para zona urbana intensa e atribulada, já trazia para o sujeito uma inquietação, visto que, de certo modo algo já lhe tirava da sua zona de conforto. Porém, o lugar de onde o indivíduo se identifica e passa a esclarecer a sua posição social é fora de sua morada, mesmo essa tendo sido por muito tempo a representação reveladora da condição social de quem nela habitava em um cenário de circulação social. Sem aprofundar a discussão histórica acerca do assunto, mas apenas para uma melhor compreensão. É importante ressaltar que a atividade pública diariamente do trabalhador separando-se da vida anterior suplantada, e através de uma instituição e alguns recursos que o sustentam como a exemplo alguns benefícios sociais, dimensionam o espaço do serviço como auxílio ao sujeito que está entrelaçado em uma rede de relações confusas para além de laços familiares.

Para Casaqui e Riegel (2009) em uma dimensão social atual, o trabalho discernido no cenário do mundo moderno jovem, criativo e despojado, tem se tornado o centro que espelha o caráter competidor e algumas outras conotações que se associam a esse âmbito da atuação humana. Nesse contexto, quem trabalha torna-se um modelo de consumista de um universo de instrumentos simbólicos representados não apenas só por meros objetos, mas também por seu tempo e suas próprias relações. De certo modo, há uma predominância do que se manifesta através dos sentidos do que o consumo trás e que comercializa o sedutor mundo do trabalho em um contexto de serviços tecnológicos da contemporaneidade. O trabalho se ajusta nesse sentido a suprir os quereres do trabalhador consumidor que está à procura de guardar experiências que só são possíveis através de seus esforços (BAUMAN, 2007).

Dentro desse quadro, a partir do fenômeno que se observa e que alimenta o sonho de consumir e diretamente sincronizado a cultura, está o trabalho. Que mobiliza o ilusório do

sujeito moderno. Considerando a posição do trabalhador diante do intuito que porta um significado intrínseco do trabalho e se despoja da realização do fazer, para o parecer ser como já mencionado por (ZILIOOTTO, 2009) que diz que esse processo tem seus efeitos:

O resultado disso é o engendramento de uma situação bastante precária para a subjetividade que, constantemente exposta a possibilidade de perder a unidade e desprover-se de centro, vê-se compelida a desenvolver por conta própria e conservar unicamente com seus recursos essa unidade, para não perder sua identidade. O indivíduo privado de auxílio que lhe era dado pela tradição precisa agora empreender uma monitoração e uma reciclagem permanentes de seu modo de ser, se quiser preservar não somente sua condição de agente social autônomo, mas também sua própria subjetividade (Ziliotto, 2009).

Cabe ressaltar que segundo a ideia de Ziliotto (2009) a complexidade dos fenômenos que se apresentam na sociedade de consumo e atingem a subjetividade do indivíduo emergido no mundo do trabalho, abarcam muitos significados como já foi citado aqui, além da experiência do sofrimento psíquico que será mais aprofundado agora. A contribuição da autora sobre assunto é relevante para essa questão apontando para os dilemas que inúmeras transformações no cenário dessa nova sociedade trouxeram para a subjetividade do trabalhador moderno. Sobretudo, a autora diz que o sofrimento psíquico está relacionado a sentimento de insegurança do sujeito por sua estabilidade no trabalho, até quando dura a manutenção do emprego e a continuidade da produção. O temor em poder perder o emprego, sua fonte de renda e a sua identidade na sociedade como trabalhador. Nessa perspectiva Dejours (1991), chama de contribuição- retribuição esse processo, quando o trabalhador contribui se esforçando para fazer além do que lhe é exigido no trabalho esperando o reconhecimento do mesmo ou da sociedade, porém, se isto não acontece o indivíduo fica fadado a sentimentos como insatisfação e desmotivação. Isso acarreta nos seus esforços e rendimentos para que não sejam mais os mesmos, e como consequência deste trabalhador ultrapassar limites propenso a adoecer e se tornar um sujeito descartável.

Nesse sentido, em um processo comunicacional que envolve o trabalhar e o consumir, o trabalhador incorpora e se apropria do seu próprio lugar nesse contexto onde muitas vezes é atribuído um espaço de legitimidade ao que está sendo consumido por ele, mesmo que simbolicamente (CASAQUI E RIEGEL, 2009).

Outro pilar que se pesa são as implicações que surgem advindas da lógica do trabalho como fonte para o consumo assim como para o lazer, quando os mesmos se imbricam e se confundem. Pois conforme afirmam Oliveira e Cândido (2010) na sociedade moderna o sujeito emprega todos os seus esforços e energias na maior parte do seu tempo nos atos de

produzir e consumir, ou seja, o consumo se tornou o articulador central da vida social transformando o indivíduo naquilo que ele consome conforme já citado por (BAUMAN, 2007) que corrobora, afirmando que a sociedade de consumo contemporânea tem as suas bases, e alegando uma promessa de satisfazer os desejos humanos em um nível que nenhuma outra sociedade passada alcançará. Ressaltando que a promessa de satisfazer os desejos só permanece acesa enquanto permanecer insatisfeito o desejo de consumir, porém, uma procura continua por uma realização que em tese, também jamais será alcançada.

Vários elementos são apontados como contribuintes para o adoecimento mental nesse contexto. Segundo Lipovetsky (2007) a sociedade de consumo se sujeita a um período de incertezas onde os indivíduos cobram muito de si e dos demais uma constante revisão e aperfeiçoamento da sua forma de consumir, aumentando o consumo cada vez mais a fim de, acompanhar o desenvolvimento do mercado superabundante. Constatando em sua teoria tal pensamento sobre a questão de identificação do sujeito que procura sempre mostrar quem se é através do consumo. Ressalta que no Brasil se encontra a maior evidência de desejo pelo luxo e consumo exacerbado, quanto grande manifestação de expressão sobre o que se tem, ao desejo, ao prazer e ao próprio corpo. Em um lugar onde aquele que não consome ou não pode consumir não é digno de ficar no espaço social, ou seja, o não consumidor passa a ser um estranho na sociedade “líquida moderna” como denominou Bauman (2008). O autor sempre revisita a afirmação de que tal atitude do sujeito moderno está relacionada a ideia da busca incessante pela felicidade e a ilusão de encontrá-la no consumo.

Aprofundando o pensamento e relacionando as implicações do trabalho e consumo Bauman (2007) disserta sobre a angústia pela qual o sujeito passa nesse processo de auto realização através do consumo, posto que, a decepção se dá inicialmente devido o desejo de consumir não ser correspondente a situação financeira de cada indivíduo. Como confere Ziliotto (2009), aí está o cerne que existe na interlocução entre subjetividade, trabalho, consumo, sofrimento psíquico: a transformação que o mundo do trabalho acarreta para a subjetividade do trabalhador e que provoca por sua vez sintomas psicopatológicos, quando confrontados o desejo do sujeito com a sua realidade de poder realizá-lo ou não.

Para Dejours (1991), nessas possibilidades que se encontra o perigo, quando é esgotado os recursos defensivos do sujeito através de suas experiências e perdura a vivência do fracasso que dá origem ao sofrimento. O autor considera como sofrimento patogênico, a potencialização do sofrimento que por sua vez pode levar a depressão e desestabilização, a qual pode provocar uma crise de identidade, pois o sujeito passa a duvidar de sua capacidade, o que atinge sua identidade, podendo provocar patologias, tanto psíquicas quanto somáticas.

Nessa perspectiva é válido ressaltar que o trabalho possibilita ao sujeito construir sua realidade e incessantemente construir sua subjetividade, o que por sua vez produz significado a existência e ao sentido da vida, como já foi abordado anteriormente. Todavia, na sociedade que Bauman (2008) nomeia de “pós-moderna”, faz referência a coisas que antes eram da personificação da privacidade, da intimidade, coisas que só se era contada em confissões a pessoas muito íntimas ou somente a Deus, agora migram para uma esfera pública. Agora repentinamente as pessoas começam a consumir as próprias relações em “rede”, termo substituído por sociedade onde:

(...) os usuários ficam felizes por “revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais”, “fornecerem informações precisas” e “compartilham fotografia”. Seria um erro grave, contudo, supor que o impulso que leva a exibição pública do “eu interior” e a disposição de satisfazer esse impulso sejam manifestações de um vício /anseio singular, puramente geracional (BAUMAN, 2008, p.8).

Assim, a tendência que as pessoas possuem em desenvolver distúrbios caracterizados pela compulsão de consumir, principalmente o desnecessário, coisas que talvez até nunca usarão, se tornou crescente na sociedade moderna para Bauman (2008). Segundo o autor esse fato se dá pela influência da mídia diariamente bombardear a vida do sujeito de propagandas que estimulam a comprar e consumir cada vez mais. Fator que para ele também é precursor de consequências que contribuem para o que ele chama de “relações líquidas”, que degrada as sociedades e as relações sociais, e faz sofrer processos de alienação como o processo de influência da mídia, que é imprescindível para se pensar o sofrimento psíquico em uma perspectiva da personificação e individualização do sujeito.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho buscou-se mostrar evidências de como o consumo tem implicado diretamente para constituição subjetiva do trabalhador contemporâneo. A pesquisa acerca da sociedade de consumo tornou-se um objeto de estudo de fundamental importância nos debates sobre atualidade, levando em consideração os aspectos culturais e sociais que impactam o ato de consumir modificando o comportamento do sujeito.

Desse modo, o presente trabalho tentou explorar conceitos presentes em diversas literaturas sobre trabalho, sociedade de consumo e conseqüentemente o impacto que ela trouxe como principal articulador das implicações na subjetividade do indivíduo, pautada em

uma nova esfera da ordem econômica da contemporaneidade. De tal forma que, o sujeito moderno uma vez inserido na nova lógica de consumo da atualidade, emerge diante do desenvolvimento econômico a um aumento excessivo dos padrões de consumo, ora tendo como responsável a esse impacto de práticas manipuladoras ao comportamento consumista, grandes mídias empresariais, que trazem de certa forma, motivações nos consumidores aos seus atos de consumir.

Com base na revisão de literatura apresentada e quanto a relevância social da mesma, estudar os sentidos e significados que o sujeito atribui ao seu trabalho a partir da sociedade de consumo norteou ainda mais o interesse em prosseguir com a proposta desse trabalho. Ficou claro que muitos autores adotam as mesmas variáveis para tratar o assunto mudando apenas os termos, mas sempre relacionando a concepção do significado ao entendimento do que seja o trabalho para o indivíduo de forma representativa pessoal para cada um e produzidas em cada pessoa de acordo com suas experiências concretas. Porém, identificam que na modernidade existe uma crise de sentido que decorre de um modo especial na mudança da sociedade de produção para a sociedade de consumo.

Neste sentido, ressalta-se que o mundo do trabalho evidencia implicações na constituição subjetiva do sujeito contemporâneo e os seus modos de trabalhar, considerando como de fundamental importância, sobretudo, os conflitos expressos pela sociedade entre o trabalho e consumo, permanecendo central o trabalho na vida das pessoas. Compreendendo que o indivíduo não reconhece o trabalho apenas como algo obrigatório a sua subsistência, mas sim como uma categoria que integra e o leva a reconhecer-se enquanto ser social. Uma vez que, o trabalhador alienado passa a ser produtor e consumidor do capitalismo, deixando de atribuir sentido as atividades que ele executa como de dar essa atribuição de sentidos e significados de forma positiva ao seu fazer. Contudo, pode-se entender que constituir trabalho, dar-lhe forma e sentido não foi uma tarefa fácil, estável, imediata, nem tão pouco propensa aos imperativos da sociedade de consumo.

Assim, essa revisão de literatura levou a uma reflexão sobre a evolução dos tempos e a centralidade do tempo contemporâneo, ainda no próprio tempo de trabalho na sociedade moderna. Onde muitas possibilidades de compreensão e reestabelecimento de experiências são possíveis a partir de um pensamento alinhado ao desejo do indivíduo. Experiências estas que transformam o ser exausto de consumir sem alcançar a sua liberdade e um sentido próprio, levado pela moda, pela mídia, pelos outros e pelo material. Em um tempo em que a criação de desejos requer de uma continuidade de atenção, em um tempo ainda a ser

conquistado para expressão das novas subjetividades e relações modernas, as mesmas que são diluídas nesse tempo líquido moderno.

Por fim, ressalta-se que o ato de renunciar ao consumo nessa era moderna também traz a reflexão de ser o mesmo que pedir aos consumidores que desistam de praticar sua capacidade e liberdade de consumir aquilo que é fundamental para sua existência enquanto ser social enraizados na cultura de uma sociedade afluenta, que satisfaz as suas necessidades e desejos, negociam relações sociais, se comunicando um com os outros, buscando sempre um sentido pessoal e cultural. Ademais, conclui-se com esse trabalho que a questão relacionada a um consumo consciente, encontra-se em um nível distante de ser solucionado apresentando sempre novos dilemas e desafios.

Faz-se necessário amplas discussões acerca do assunto. Um caminho viável seria uma nova educação, através de ações que atinja a toda população sobre o consumo consciente, com equilíbrio, e com o objetivo de inserir essa sociedade moderna de forma ciente em bases de uma nova economia. Enxergando os excessos supérfluos, e possibilitando um melhor entendimento entre a distinção de consumo e consumismo, a fim de uma distinção entre o que necessário e o que é exagerado. De forma que leve a um melhor entendimento também de que o exibicionismo e consumo exacerbado não é obrigatório para que o indivíduo exerça a sua cidadania. Por fim, espera-se que o trabalho tenha possibilitado uma maior visibilidade a respeito das novas configurações da sociedade moderna inserida em um contexto onde indivíduo tem se tornado vulnerável aos prazeres de um mercado consumista desmedido, que desconstrói relações humanas e que não considera o trabalhador, visando apenas o consumidor.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. FGV Editora, 2006.

BARLACH, L.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; MALVEZZI, S. O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 42, n. 1, p. 101-112, 2008. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v42n1/v42n1a11.pdf>> Acesso em 12 out 2018.

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para Consumo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

CANIATO, A. M. P.; NASCIMENTO, M. L. V.. A subjetividade na sociedade de consumo: do sofrimento narcísico em tempos de excesso e privação. **Arq. Bras. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 25-37, 2010 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200004&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 29 set 2018.

CASAQUI, V.; RIEGEL, V. Google e o consumo simbólico do trabalho criativo. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 6, n. 17, p. 161-180, 2010. Disponível em < <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/292> > Acesso em 14 set 2018.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 189-202, 2009. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25749> > Acesso em 02 out 2018.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo, Cortez/Oboré, 1991.

FONTENELLE, I. A. O trabalho da ilusão: produção, consumo e subjetividade na sociedade contemporânea. **Interações**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 63-86, jun. 2005. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100004&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 15 out. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, 6. ed. Editora ATLAS SA, 2008.

GILLES, L. **O império do efêmero**. São Paulo, 1.ed. Editora SCHWARCZ S.A, 2009.

KOLLER, S.; COUTO M. C. P.; HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: __ (Autores) **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. Pág. 39-54.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, Paraná, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122> > Acesso em 19 out 2018.

OLIVEIRA, V.M.; CÂNDIDO, G. A. Contemporaneidade do Consumo Sustentável e as suas correlações com as Práticas Empresariais e o Comportamento do Consumidor. **Anais do V Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Florianópolis, SC, Brasil**, 2010. Disponível e < <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT13-492-441-20100902182702.pdf> > Acesso em 29 set 2018.

SANTOS, A. C.; DE ARAÚJO, R. B. **A Revolução Industrial**. 2004. Disponível em < http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/08395302122015Historia_Contemporanea_I_Aula_4.pdf > Acesso em 05 nov 2018.

TOLFO, S. da R; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicol. Soc.** Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 38-46, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=en&nrm=iso> Acesso em 17 out 2018.

TOLFO, S.da R, M.C;ALMEIDA, A. R.,BAASCH,D. & CUGNIER, J.S(2005).Revisitando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho. **In Anais do Fórum CRITEOS**. Porto Alegre: UFGS. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/215548982_Revisitando_abordagens_sobre_sentidos_e_significados_do_trabalho > Acesso em 14 out 2018.

ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil-2**. AMGH Editora, 2014.

ZILLOTTO, D. M. **Trabalhador consumidor: subjetividade na sociedade de consumo e seus efeitos no mundo do trabalho**". 2005. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. doi:10.11606/T.47.2018.tde -11072018-123529. Acesso em 23 set 2018.